



T.S. Eliot e sua mulher, Valérie, em 1961

Evening Standard/Hulton Archive/Getty Images

Moralidade sobrenatural

Por Caio Liudvik

“**Q**ue vida tendes se não viveis em comunhão?/ Não há vida que floresça sem comunidade/ E comunidade não há que perdue sem louvar a DEUS”. Estes versos de “The Rock” (A Rocha), ilustram o que faz do poeta, dramaturgo e ensaísta T.S. Eliot exemplo de obra de arte dotada de “imaginação moral”, segundo a monumental biografia literária de Russell Kirk (1918-1994).

Bardo das ruínas da “terra desolada” e dos “homens ociosos” do século 20 dos totalitarismos e das carnificinas, Eliot tem aqui a vida e a obra estudadas não só com formidável erudição, mas com uma empatia nutrida de profunda amizade pessoal e afinidade político-espiritual.

Diríamos afinidade “ideológica”, se isso não soasse a heresia em se tratando da matriz conservadora a que pertence Kirk, que entendia a ideologia como “messianismo político” dos filhos da Revolução Francesa, fanatismo secular que pretende abolir as verdades da fé e da tradição.

Kirk, o “Cavaleiro da Verdade”, desembainha a espada da imaginação moral contra as mentiras modernas e contra a “desgregação normativa” que elas acarretam. A “imaginação moral” não é, para ele, apenas

uma ideologia mais velha. Ao contrário, nas verdades conservadoras reluz a autoridade sobrenatural da revelação divina, e a moral não corresponde a um gosto pessoal ou época histórica, mas sim a algo de intrínseco ao homem, tão “natural” quanto nossa necessidade de “ordem” (da alma, da sociedade e do Estado) conduzindo à harmonia com a ordem cósmica e sobrenatural.

Outro aspecto da obra poética de Eliot (cuja suposta simpatia pelo fascismo é desmentida por Kirk), mesmo de antes de sua conversão cristã, o inscreve nessa linha-gem conservadora: as terríveis visões infernais, aliás presentes também nas histórias de terror do próprio Kirk.

Não é a essas profundezas abismais, porém, que Eliot nos conduz em outro lançamento da (excelente) editora É Realização: suas “Notas para a Definição de Cultura”, publicadas pouco depois da Segunda Guerra, são de uma sobriedade que muitas vezes beira o enfadonho, exigindo paciência do leitor para garimpar, entre pormenores escolásticos, os “insights” mais incisivos, sobretudo aqueles que a leitura de Kirk nos prepara a escavar: o vínculo indissolúvel de cultura e “culto” (religioso), a crítica ao pensamento político moderno e a caricatura (bem simplista, por sinal, mas de longa carreira nessa tradição) que tenta fazer da luta político-social por igualdade um mero “dogma” secular impulsionado pelo inveja.

A ERA DE T.S. ELIOT

AUTOR Russel Kirk

TRADUÇÃO Márcia

Xavier de Brito

EDITORIA É Realizações

QUANTO R\$ 99 (65 págs.)

AVALIAÇÃO ótimo



NOTAS PARA A DEFINIÇÃO DE CULTURA

AUTOR T.S. Eliot

TRADUÇÃO Eduardo Wolf

EDITORIA É Realizações

QUANTO R\$ 35 (144 págs.)

AVALIAÇÃO bom

